

HISTÓRIA DO DIA

PLÍNIO BARRETO

Do lado de lá

O que teria levado aquele cidadão idoso às barrancas do rio São João? Pescar? Não. Não se via junto a ele apetrechos de pesca. Sentado sobre os calcanhares, pés descalços esparrachados no chão de terra, lá estava ele naquela posição característica e que dão o nome de “côcoras”.

E tão ensimesmado estava que nem deu pela presença de Egídio, Calunga, Tibério e Dedão, grupo munido de seus terens pescatórios e que ali havia chegado ocupando espaço “do lado de cá”.

Enquanto os pescadores procuravam posição para melhor jogar seus anzóis, Calunga não tirava os olhos do “cabra” acororado “do lado de lá”, resmungando de si para consigo que aquela criatura era estranha demais para seu gosto – “tem parte com o demo”, repetia, no que era contestado pelos companheiros. Tanto insistia o Calunga na assertiva de que o estranho que estava “do lado de lá” era um enviado do Belzebu, que acabou por ficar sozinho, os amigos preferindo buscar outro pesqueiro.

Calunga não se sentiu ofendido. Pra falar a verdade até gostou. Escondido atrás do robusto tronco de árvore, dali

PESCARIA

SATISFEITA,

EGÍDIO,

TIBÉRIO E

PAVÃO

RETORNARAM

AO PONTO DE

PARTIDA

poderia ver sem ser visto. Sentou-se também ele sobre os calcanhares, tal qual o homem “do lado de lá”. Estranha criatura. Imutável, parecia nem

piscar os olhos.

“Do lado de cá”, paciente em sua paquera, Calunga tirou do bolso da camisa seu maço de cigarros *Liberty*, tirou um, usou o fósforo, deu uma tragada, fez fumaça.

Fumando esperava, quando viu que o velho “do lado de lá” mudava de posição. Sentado no chão, joelhos encolhidos para junto do peito magro, neles descansou os braços cruzados. Ali ficou a olhar o curso caudaloso das águas, quem sabe desejoso de que naquela caudal pudessem ir para sempre todas as suas mágoas. Quem sabe?

Calunga já se preparava para por fim à sua espreita quando notou novo movimento daquele que estava “do lado de lá”. Colocara entre os lábios grossos o tubo de seu cachimbo de barro, viu quando o tabaco foi posto no forninho, da binga extraiu o fogo, baforadas se sucederam. Tão volumosas que em pouco envolviam o fumante a ponto de fazer com que não pudesse ser visto.

“Do lado de cá”, bestificado, Calunga estava a não entender nada e quando a fumaça de todo se dissipou, cadê o homem? Desaparecera.

Pescaria satisfeita, Egídio, Tibério e Pavão retornaram ao ponto de partida. Encontraram Calunga em estado de torpor. Parecia abetalhado. Olhos fixos no local onde estivera o homem “do lado de lá”, custou a recuperar seu normal estado psíquico e quando isto foi possível, gaguejando contou tintim por tintim o ocorrido “do lado de lá”. E como havia uma canoa ancorada “do lado de cá”, dela fizeram uso, se mandando todos “por lado de lá”.

O que viram então, não dava para acreditar: no chão de terra um monturo de cinza. Intacto, um cachimbo de barro.

Verdade? Lorota? Não sei. Do jeito que a mim contaram, contei. O melhor é fazer como Guadagnini, conhecido padeiro da região. Coçando o queixo, definiu: *Si non’ é vero, é bene trovato*.



ANNA MARINA

IEPHA APRESENTA PROPOSTA PARA O USO DE UMA REGIÃO PRIVILEGIADA DA CIDADE, QUE COMPREENDE O PATRIMÔNIO DA REDE FERROVIÁRIA FEDERAL

email: anna.marina@uai.com.br

EM DEFESA DA CASA DO CONDE E DE TODO O SEU ENTORNO

No próximo dia 1º de outubro a massa falida da Rede Ferroviária Federal leva a leilão – se nada for modificado – uma das áreas mais importantes desta cidade. Trata-se da Casa do Conde de Santa Marinha e adjacências, que entraram para o cotidiano dos belo-horizontinos através de promoções importantes. Para falar a verdade, foi a Casa Cor do ano passado que colocou o imóvel no mapa, antes disso pouca gente sabia até onde ficava. Era um pedaço desconhecido da Capital. Depois do sucesso que foi a promoção, a Casa do Conde, como é conhecida, entrou para o universo dos *promoters*. Quem pode, quer fazer festa lá, aproveitando não só a construção do fim de século – 1896 –, que já existia antes da instalação da nova capital.

A casa original, de um proprietário de bom gosto, acabou fazendo um conjunto com incontáveis galpões e as linhas da Rede Ferroviária Federal. Como se não bastasse, é colada na praça da Estação, ficando próxima ao Centro Cultural da UFMG, Serraria Souza Pinto, 104 Tecidos etc. Área que faz parte de um projeto ambicioso, da municipalidade, de revitalização do vale do Arrudas. O sonho é transformar tudo aquilo em uma área cultural.

Coisa que pouca gente se lembra – ou sabe – é que no ano de 1906 instalou-se lá o lendário Colégio Santa Maria, dirigido pelas irmãs da Congregação Romana de São Domingos (originalmente Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Sèvres), que aportaram no Brasil fugindo da perseguição religiosa desencadeada na França contra as congregações, especialmente as que se dedicavam ao ensino.

O Santa Maria ficou na Casa do Conde até 1909. Tinha mais de cem alunas, o que inviabilizava sua permanência no local. A mudança para o atual endereço, na rua Pouso Alegre, começou em 1908, quando o presidente do Estado, João Pinheiro, facilitou alguns empréstimos bancários que permitiram à ordem religiosa comprar o terreno e construir o colégio, destinado a receber alunas da classe média alta da nova capital.

Diante da importância do leilão para a história da cidade, uma vez que a Casa do Conde é tombada, o Iepha elaborou uma proposta de uso da área. Flávio Carsalade, atual presidente do órgão, me mandou uma cópia. Na realidade, a proposta desse protocolo de intenções é “regular as relações entre os diversos proprietários” para que uma venda conjunta seja realizada. A área per-



MARIA TEREZA CORREIA

PATRIMÔNIO

A Casa do Conde de Santa Marinha tornou-se conhecida a partir da “Casa Cor” do ano passado

tence à Rede Ferroviária Federal (foi dada em garantia do passivo trabalhista da empresa), Prefeitura de Belo Horizonte, Jorlan e Laurindo Manganeli e mais o Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais – que “não integra o acordo, e conseqüentemente as condições de negociação a ser efetuada não incidirão nos imóveis de sua propriedade”.

Só por aí, já deu para ver o tamanho do enrolo que vai ser esse leilão. E mais: o arrematante terá que seguir as normas determinadas pelos órgãos públicos para a ocupação da área. Sempre lembrando que a Casa do Conde e seu entorno não poderão ser tocados, por causa da lei de tombamento de sítio histórico.

O trabalho do Iepha fala sobre as áreas de servidão de passagem de pedestres, o afastamento mínimo exigido de qualquer coisa que for construída no local. A área tombada, que compreende a Casa do Conde e os galpões, deve ser usada para atividades culturais, entretenimento e lazer, com nítida facilidade de acesso público.

Uma parte da área – segunda porção – “é capaz de suportar empreendimentos que agreguem vitalidade econômica à área. Aí se pressupõe melhor utilização dos terre-

nos e a instalação de atividades de natureza diferenciada e que se integrem ao hipercentro de Belo Horizonte. Deve-se salientar, no entanto, também aqui, a importância da harmonia das novas ocupações com a paisagem, a necessidade de diálogo desse espaço com a cidade e o cuidado com a circulação de pedestres”, segundo o projeto do Iepha.

A proposta cuida também do tempo de vigência da operação de ocupação dos terrenos “devolutos”, se podemos dizer assim, e restauração das edificações tombadas. E cria a proposta de uma comissão fiscalizadora, que seria composta por um representante da Câmara dos Vereadores, um representante da Secretaria de Coordenação de Política Urbana e Ambiental, um representante da Secretaria Municipal de Coordenação da Gestão Regional Centro Sul, um representante do Instituto dos Arquitetos do Brasil e um representante do Iepha.

Pessoalmente, acredito que os belo-horizontinos com algum tipo de força política deveriam ficar de olho no processo, para que arregos políticos e econômicos não mandem tudo para o espaço, transformando o local, que pode ser a redenção daquela área, em mais uma vergonha cultural.

NEWTON RODART LANÇA DISCO DEMO COM MÚSICAS IMORTALIZADAS POR CANTORES COMO ROBERTO CARLOS E NELSON GONÇALVES, ACOMPANHADO PELA VIOLONISTA VILMA DE OLIVEIRA

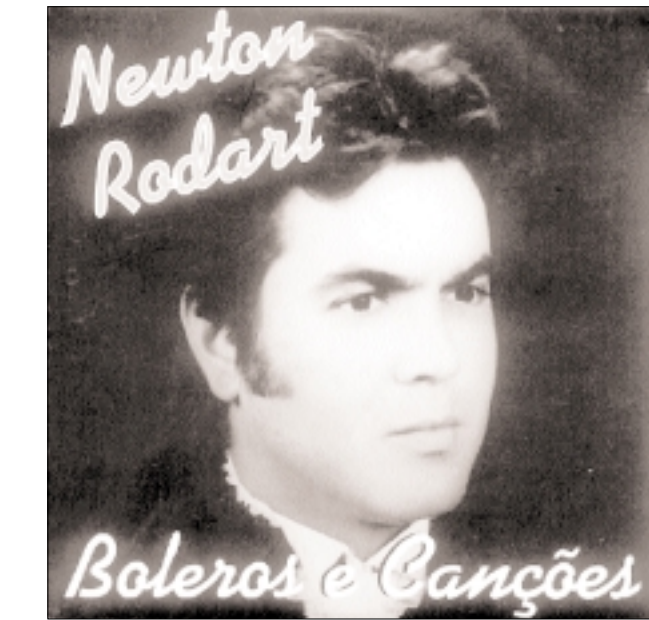
ELE É ROMÂNTICO E DO BEM

AUGUSTO PIO



O dublê de advogado e cantor Newton Rodart lançou um CD *demo* com dezesseis sucessos e com caráter beneficente. É que o artista gravou com o intuito de ceder o disco às entidades filantrópicas para que estas possam vendê-lo e com isso arrecadar algum dinheiro. Quem acompanha Newton Rodart é a violonista Vilma de Oliveira.

Abre o CD a canção imortalizada por Roberto Carlos, *Proposta*, seguida de *Outra Vez*, *Cavalgada* e *Como vai você?*, todas do “rei”. Com uma voz grave e afinada, de timbre suave, Newton Rodart manda ver com muito romantismo, também alguns boleros como *Ruega por nos otros*, *La barca*, *El reloy*, *História de un amor*, *Tu me acostumbastes*, *Dos almas*, *Bessa-me mucho*, todos bastante conhecidos do



REPRODUÇÃO

grande público.

Com uma voz intermediária entre os timbres de Nelson Gonçalves e Carlos Alberto e outros que passeiam por este estilo romântico, Newton Rodart, que tem luz própria, interpreta *As rosas não falam*, de Cartola, *Fica comigo essa*

noite, de Nelson Gonçalves, *De que é feito afinal*, de Evaldo Gouveia e Jair Amorim e imortalizado por Altemar Dutra. Mas não pára por aí não, pois seguem *Alguém me disse*, um *hit* de Anísio Silva, gravado nos anos 60 e, por fim, *Modinha*, de Sérgio Bittencourt.

Naturalmente Newton Rodart gravou um CD *demo* (infelizmente no disco não consta o nome dos autores das músicas) mas que poderá vir a ser um disco cheio no futuro, já que ele tem voz bastante para seguir a linha romântica. Basta para isso que ele escolha repertório coerente com sua voz, como é o caso deste *demo*, uma boa banda e um bom arranjador. O que ele traz, agora, é só mesmo um *demo*, no qual ele canta acompanhado apenas de um violão.

Mas, o importante mesmo é a causa nobre a que o disco se destina e com isso pode melhorar a vida de muitas pessoas carentes, jogadas em asilos, creches, leitos de hospitais e afins. Mas fica aqui a sugestão para que ele grave o seu CD cheio para ser vendido nas lojas e, naturalmente, ter também parte cedida às entidades filantrópicas, já que este é mesmo um de seus propósitos e que é muito bom.

GIRO CULTURAL

FAJITAS

SOM E COMIDA MEXICANA

O Fajitas, o *happy hour* com direito a comidas e drinques típicos do México está de volta hoje, na Motor Music (rua Pernambuco, 1.000 loja 10), 16h, com os Djs Tee, Robson e Kowalsky. Entrada franca.

VARGINHA

COMÉDIA COM ATORES GLOBAIS

O ator global Luís Salém interpreta hoje, às 21h, no palco do Theatro Capitólio, em Varginha, a comédia *Salém da Imaginação*. No telão, a presença de Betty Lago, Luís Fernando Guimarães e Miguel Falabella. Texto de Antônio Bivar, direção de Stella Miranda, e música-tema de Rita Lee.

CONTAGEM

“A ATRIZ” EM CENA NO FESTIVAL

O grupo teatral As Medéias, de Mariana, apresenta hoje, às 14h, no Sest/Senat (rua Dorinato Lima, Inconfidentes, Contagem), no 3º Festival de Teatro de Palco e Rua de Contagem, o espetáculo *A Atriz*. Texto de Walmir José, interpretado por Adélia Carvalho.

SABARÁ

CONCERTO NOS 290 ANOS DA CIDADE

Dentro das comemorações dos 290 anos de elevação da cidade de Sabará a Villa Real, será realizado hoje, às 20h30, na Igreja São Francisco, um concerto com o Colegium Musicum de Minas.

GUIDOVAL

“DÉ” VIEIRA LANÇA CD

Será hoje, às 20h30, na Sociedade Esportiva Recreativa 66 do município de Guidoval, o lançamento do CD *Gente & Terras Geraes*, com músicas do compositor Ildefonso “Dé” Vieira interpretadas por Paulo Loureiro e Eleny Galvan.

BRASILÂNDIA

DANÇA FOLCLÓRICA NO BAIRRO PORTO

A cidade de Brasilândia de Minas vai receber hoje o grupo de dança folclórica do Rio Grande do Sul, formado por 38 participantes. A apresentação acontece dentro dos comemorações aos 177 anos de imigração Alemã do Brasil, às 20h, na Escola Estadual Dr. Ciro Góes, bairro Porto. Entrada franca.

VIRTUAL

QUADRINHOS NA INTERNET

O segundo capítulo de *Quantum*, a história em quadrinhos virtual, já está disponível no endereço: www.agaque.com.br. Com roteiro de Wellington Srhek, o episódio *Like a Rolling Stone* traz o traço expressivo e irreverente do desenhista Leonardo Muniz (Laz).